

JORNAL NOTÍCIAS JÁ: MULTILETRAMENTO, GÊNEROS E TEMAS

Raudiner Railton dos SANTOS

Orientadora: Profa. Dra. Roxane Helena Rodrigues Rojo

RESUMO: O presente projeto de pesquisa tem como objetivo analisar o Jornal *Já* da região metropolitana de Campinas, tomando-o como meu objeto de estudo. Para isso, utilizarei reflexões sobre a Linguística Textual para compreender melhor o que é, de fato, um estudo acerca de textos, assim como compreender também o funcionamento de alguns processos que são encontrados neles. Desta forma, utilizarei as reflexões de Bakhtin (1953/1979) sobre gênero e tema, uma vez que os estudos desses, dentro de tal jornal, serão o enfoque do trabalho. Por fim, reflexões sobre Letramento(s) serão incorporadas no mesmo, já que se pretende, ao final da análise, escrever um material de Leitura e Escrita que contraponha o Jornal *Notícias Já* e o *Correio Popular* (ambos de mesmo dono, porém, voltado para públicos diferentes).

Palavras-Chave: Letramento, tema, gênero, jornal e material didático.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O jornal impresso, da maneira que o concebemos atualmente, é formado não somente de textos, mas de imagens, que reforçam o significado de cada texto utilizado e outros elementos gráficos. Além disso, a disposição das manchetes, propagandas, chamadas e dos outros gêneros, que encontramos neles, não é feita por mero acaso, mas sim de uma maneira que chame a atenção do público-alvo para o consumo do mesmo, além de mostrar a ideologia dos jornais. Desta forma, considerando também o baixo preço, um jornal popular tem sua disposição diferente de um jornal de “elite” por isso, o Jornal *Notícias Já* se torna um objeto de estudo interessante, uma vez que, por ser voltado para a massa do público marginal de Campinas, abusa de chamadas com linguagem informal, cheia de neologismos, também de fotos de mulheres seminuas e jogadores de futebol, o que reflete o seu baixo preço (R\$0,65 em decorrência das publicidades presentes nele) e a quantidade exacerbada que é vendido. Todavia, ao se tratar de um trabalho de pesquisa acadêmica, torna-se essencial a definição de algumas teorias sobre texto, já que esse é um dos focos do estudo desta pesquisa e, por isso, torna-se necessário o uso de teorias da Linguística Textual para compreendermos o que é texto, gênero, enunciado, etc.

No entanto, antes de partirmos para essas definições, primeiramente é necessário um resgate histórico dos processos de como se estabeleceu a Linguística Textual e como era concebida a visão de texto antigamente até chegarmos à atual. Para definir o que é Linguística Textual, Bentes (2001) começa por pontuar e esclarecer, a partir de um resgate histórico, teorias que compuseram os estudos do texto. Primeiramente, discorre sobre o método da *análise transfrástica*, que propunha que a análise de um texto partisse das frases, tendo foco no modo se busca construir uma unidade de sentido a partir das relações estabelecidas entre as frases. A esse método, à sintaxe e à semântica, porém, escapavam fenômenos, como o da correferenciação, por exemplo.

A existência desse e de outros fenômenos deu margem à elaboração de outro aparato teórico que abordasse o texto: a construção das gramáticas textuais. Influenciadas pela perspectiva gerativista, as gramáticas textuais pressupunham que o falante nativo de uma língua teria as capacidades de formar, transformar e qualificar os textos, por isso os definiam como uma unidade linguística mais elevada que, quando segmentada, apresenta unidades menores passíveis de classificação. Essencialmente descritiva, as gramáticas textuais revelaram, ao longo do tempo, a impossibilidade de descrever todo e qualquer texto de uma língua natural.

Nesse momento, percebe-se uma mudança de foco nos estudos que concernem ao texto: passa-se a priorizar os processos de produção, compreensão e funcionamento dos textos em uso. É introduzida a noção de textualidade e de contexto pragmático, sendo esse que trata da análise das condições externas, porém não heterogêneas do texto: a produção, a recepção e a interpretação. Se antes se buscava analisar o texto em sua abstração, concebendo-o como um produto de uma língua virtual, dentro da teoria do texto busca-se analisar como se dá o funcionamento de um texto, a partir de processos construídos dentro de contextos comunicativos. Sendo assim, não se busca o sentido de um texto em sua materialidade linguística, mas em fatores que envolvem aspectos cognitivos socioculturais, interacionais e linguísticos. Sendo assim, são criados alguns critérios de coerência textual para que possa se estabelecer sentido. Os apontados no texto são: situação comunicativa, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferência, intertextualidade, intencionalidade e informatividade. Nota-se, contudo, ao fazer a busca e a discussão dos critérios de coerência nos textos, que eles são interdependentes e o quanto esta interdependência é determinante do sentido.

Porém, ao pensarmos na unidade texto, Sanding (2009) define que eles – os textos – são formas de realização de diferentes (e diversas) funções, como as acionais e as comunicativas. Por isso, quando o consideramos como algo que está vinculado às funções sociais, nós falamos de tipos de textos e dizemos que eles estão adaptados às condições (prévias) e as finalidades (individuais), as quais caracterizam um contexto específico. Justamente pela gama expressiva de produção textual, que podem ser encontradas atualmente, é que se tem uma grande dificuldade em definir o que, de fato, é texto. Por isso, a autora recorre aos conceitos provindos de Nussbaumer (1991), o qual entende o texto como um enunciado monológico escrito provindo da interligação/ligação das várias orações que o compõe, ligado por um elo específico. Todavia, sob esse elo, ela introduz a teoria de protótipos e, acima deles, afirma que há condições prévias que transmitem uma ideia geral do que seja um, as quais não possuem características exatas, nem suficientes, nem mesmo claras ou igualitárias, porém compartilham o mínimo possível de características, o que a autora denomina como “semelhança de família”, quando se fala de representantes de uma mesma categoria.

É, portanto, através da teoria dos protótipos e da não definição exata do que seria um texto que a autora propõe-se a revisar, detalhadamente, as características textuais baseadas, assim, nos conceitos de Beaugrande & Dressler (1981), os quais afirmam que os textos apresentam sete critérios definitórios, sendo: coesão, coerência, intencionalidade, situacionalidade, tema, conexão das características, intertextualidade e os protótipos do *texto* e, por último, o núcleo prototípico. De forma resumida, estes critérios textuais, similares aos critérios de coesão citados acima, embora tenham funções, muitas vezes, determinadas e específicas dentro de um texto, não fazem muito sentido estando sozinhos, ou seja, eles necessitam estar conectados para que o texto (como um todo) tenha sentido. Por isso,

“(…) os textos, sendo, geralmente unidades complexas, são usados em situações (situacionalidade) para resolver problemas na sociedade (intencionalidade/função textual) que se referem a determinados fatos (tema, coerência). Localmente, a coesão providencia a integração. A mais importante destas características centrais é a função textual (a superfície textual, a aparência do texto); em caso contrário, a interpretação inspira-se na situação. Quando a função textual é opaca, como nos textos literários, o tema torna-se mais importante. Conclui-se, então, que existem conexões entre as características”. (SANDING, 2009, pp. 57).

Ao se tratar do estudo de gêneros, Rojo (2005) salienta a atenção elevada que lhes é dada na Linguística por causa do ensino de língua, desde 1995, em decorrência dos referenciais nacionais do ensino de língua, seja de língua portuguesa ou estrangeira (PCNs), os quais “fazem indicação explícita dos gêneros como objeto de ensino ou destacam a importância de considerar as características dos gêneros, na leitura e na produção dos textos”¹. Desta forma, provocou uma explosão de pesquisas tendo por base as teorias dos gêneros, das quais, a maioria está ligada à área educacional e nos assuntos centrais de Linguística Aplicada, como, por exemplo, as práticas escolares, a formação de professores, as práticas de letramento e avaliação ou elaboração de materiais didáticos.

Nesta perspectiva, Rojo (2005) detalha as noções de gênero de autores como Marcuschi e Bakhtin, no entanto, ela privilegia as falas do segundo autor, uma vez que esse traz em sua definição de gênero as noções de tema, forma composicional e estilo, o que é mais interessante para esse trabalho, já que se pretende investigar as questões temáticas dentro dos jornais propostos, por isso, é necessário que se privilegia as falas dele. Bakhtin (1953/1979), conforme já dito pela ideia do período anterior, elaborou estudos a respeito, principalmente, da definição do gênero (esferas de atividade), componentes de gêneros (forma composicional, estilo e tema), divisão de gêneros (primário e secundário) e sobre o enunciado. O autor acredita que a linguagem constitui o sujeito e, desta forma, trata da maneira pela qual ela o torna sujeito e do caráter dialógico e ideológico que a constitui. Para chegar à “conclusão” desta ideia, ele, em sua época, deparou-se com duas teorias linguísticas predominantes, a corrente do subjetivismo idealista, a qual afirma que a capacidade de criação é inata por determinações biológicas, e a vertente do objetivismo, a qual afirma que a realidade está fora do sujeito, sendo que tudo é mensurável, já que ela é passível de controle. Bakhtin (1953/1979.) refuta as duas teorias e acredita numa relação dialética entre sujeito e mundo, pela linguagem. Dialética, nesse sentido, seria o processo de elaboração

¹ ROJO, 2005, pp. 184.

de uma tese, contra a qual se sobrepõe uma antítese e dessa oposição forma-se uma síntese. Desta maneira, acima da problemática e da definição, Bakhtin (1953/1979.) faz algumas considerações importantes:

- O caráter e os modos de uso da língua são variáveis tais como as esferas de atividade humana;
- O uso da língua é feito através de enunciados, os quais possuem três elementos: conteúdo temático, estilo verbal e a construção composicional;
- O enunciado permite refletir as condições específicas e as finalidades das esferas de atividade humana e cada uma dessas cria seu tipo de enunciado, o que é denominada como *gênero do discurso* e a variedade desses gêneros é infinita;

Por fim, quanto mais complexa fica a esfera, mais complexo se torna o gênero.

Se considerarmos a quantidade de gêneros do discurso presente nas esferas de atividade humana e na heterogeneidade dos mesmos, deparamo-nos com um grande problema: não há um terreno comum para os estudos dos gêneros do discurso. Porém, é correto salientar que alguns foram (e são) mais estudados do que outros, como os literários, por exemplo. Todavia, não é correto afirmar que são mais importantes, e sim, devido à disponibilidade de materiais e teorias disponíveis a respeito desse tipo de gêneros que os estudos ficam mais recorrentes. Contudo, anterior aos estudos da heterogeneidade textual, é necessário que se defina o que são os gêneros do discurso primários e secundários. O segundo surge em circunstâncias em que há uma comunicação cultural mais complexa, ou seja, eles são formados a partir da soma de componentes dos gêneros primários – que são mais simples –, após serem somados, modificam-se dentro desses e perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Em outras palavras, segundo o autor, a natureza do enunciado dá-se pela inter-relação entre os gêneros primários e secundários, o que intensifica o processo histórico de formação dos gêneros mais complexos – secundários.

Bakhtin (1953/1979) diz que os enunciados são unidades da comunicação verbal e que dentro dela há as funções de *ouvinte* e *receptor*. Resumidamente, durante todo o percurso do discurso, o ouvinte sempre tem uma *atitude responsiva ativa* (concordar, discordar, corrigir, etc.), a qual está diretamente ligada com a compreensão da fala e é materializada no ato da resposta. Importante ressaltar também que o enunciado é uma unidade real e limitada pela *alternância dos sujeitos falantes*. Assim, quando o locutor termina seu enunciado, ele dá a vez ao outro para exercer sua compreensão ativa, acarretando na delimitação do enunciado, uma vez que há transferência da palavra de um para o outro.

Bakhtin (1953/1979.) propõe-se também a diferenciar para o leitor que a característica de que um enunciado é, porém, uma *unidade da comunicação verbal*, ao passo que a oração é uma *unidade da língua*. Ou seja, a oração, encontrada muitas vezes em textos escritos e impressos, como em jornais, não possui marcas de alternância de sujeitos, uma vez que representa um pensamento relativamente acabado; não está em contato imediato com a realidade e não possui relação com os enunciados do outro, logo, como ela possui fronteiras, é correto dizer que ela está presa à gramática. Todavia, ao focar novamente no enunciado, embora seja muito singular, é válido ressaltar que ele não pode ser considerado uma *combinação totalmente livre*, já que alguns gêneros, como a notícia, estão tão difundidos no cotidiano que faz com que o querer-dizer do locutor praticamente se conduz nessa

escolha, não dando lugar à *entonação expressiva* do locutor². Mesmo que também haja gêneros mais livres e criativos, é necessário que se haja um bom domínio dos mesmos dentro das certas esferas de comunicação verbal em que eles operam; isso porque a maneira pela qual os discursos são elaborados já foi pré-determinada, por isso, o despertar da criatividade do indivíduo não está no gênero, mas nas relações sócio-histórico-culturais já definidas.

Por fim, algumas considerações feitas a respeito dos enunciados são feitas pelo autor:

- O enunciado está repleto de ecos de enunciados anteriores, por isso não pode deixar de ser uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo assunto.
- O enunciado tem autor e destinatário, que são decisivos na determinação dos gêneros, uma vez que eles são íntimos para o locutor e destinatário.

Ao passar para a parte aplicada, é deveras importante definir o que é Letramento. Este, segundo Soares (1998), é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita dentro de diferentes contextos sociais e como que estas práticas se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Railton-Santos (2008) aponta, com base em Soares (1998) que há duas perspectivas da dimensão social do letramento, sendo que a primeira é a tendência progressista, a qual também pode ser chamada de “liberal”, uma vez que é considerada uma versão fraca dos atributos e implicações dessa dimensão, enquanto que a segunda é radical, ou melhor, revolucionária, e, diferentemente da primeira, é considerada a visão forte. É importante ressaltar também que, na primeira visão, as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita não podem estar dissociados de seus usos, ou melhor, não podem ser separados na forma que são encontrados na sociedade. Porém letramento é mais abrangente que apenas o ato de ler e escrever, é o uso de habilidades que os envolvem para que se atenda às exigências sociais. Assim, fica definido pela interpretação progressista que o letramento é responsável pelo desenvolvimento cognitivo e econômico, como também pela mobilidade social e o progresso profissional. Em contraposição, a visão forte, temos que letramento

“não pode ser considerado um ‘instrumento’ neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar *ou* questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais.” (SOARES, 1998, p. 75).

Essa citação traz uma nova interpretação de letramento, mostrando-o como modelo ideológico. Novamente de acordo com Railton-Santos (2008), letramento é um termo usado para resumir as práticas sociais e as diversas concepções de leitura, estabelecendo, assim, um significado ideológico e político, os quais não podem ser separados nem tratados como fenômenos autônomos.

² Importante ressaltar que fora do enunciado a entonação expressiva não existe: se uma palavra é pronunciada com uma entonação expressiva, ela não é mais uma palavra, mas um enunciado completo.

Em se tratando de práticas escolares, Rojo (2009) afirma que a escola tem como objetivo possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais nas quais exige leitura e escrita nos diversos contextos sociais, de **maneira ética, crítica e democrática** [ênfase original]. No entanto, para tal realização é necessário que a educação lingüística considere:

- Os *multiletramentos*, ou seja, abordar os produtos culturais letrados tanto da cultura escolar e da dominante, como das diferentes culturais locais e populares com quais os agentes (alunos, professores, comunidade escolar) estão envolvidos, como também abordar, de maneira crítica, os produtos da cultura de massa. Dessa forma, a escola pode formar um aluno ético e democrático, crítico e isento de preconceitos, uma vez que este saberá lidar com as diferenças sócio-culturais;
- Os *letramentos multissemióticos*, ou seja, introduzi-los na leitura e na produção de textos em diversas linguagens e semioses, sendo que essas múltiplas linguagens, juntamente com as capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneos. Como também abordar as diversas mídias e suportes em que os textos circulam, pois o impresso e o papel já deixaram de ser a principal fonte de informação;
- Os *letramentos críticos e protagonistas*, em outras palavras, mostrar ao aluno que os textos não possuem sentido em si mesmos, e sim que há um trabalho por parte dos interlocutores que, em determinação do meio social, constroem determinados significados para os textos. Requer-se, portanto, a inserção desses tipos de letramentos já que há textos e discursos que não podem ser lidos de maneira espontânea.

Portanto, os conceitos de letramento são fundamentados na sua necessidade para o efetivo funcionamento na sociedade ou na sua potencialização para a transformação das relações públicas e sociais injustas. De acordo com Graff (1987a, *apud* SOARES, 1998), há uma dependência entre a natureza e estrutura da sociedade e as atividades sociais que envolvem a língua escrita, dependendo também dos projetos implementados em cada grupo, os quais variam no tempo e no espaço e que definem também os multiletramentos.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é analisar os temas e os gêneros que são encontrados no Jornal *Notícias Já*, buscando definir as maneiras que os produtores desse jornal utilizam para chamar a atenção do público-alvo (população marginal de massa). Em outras palavras, fazer um levantamento dos gêneros que compõem esse veículo de comunicação e os temas mais recorrentes presentes nele e, através disso, tentar encontrar processos comuns na formação do “Já” que nos permite dar alguma hipótese das estratégias, utilizadas pelos produtores, sobre como se produz um jornal “popular” para a população marginal.

Lembrando também que o jornal tem caráter informativo, este presente trabalho tem como objetivo também focar no gênero Notícia e contrapor com as noções de gênero e tema vindas de Bakhtin. É necessário lembrar que o jornal não tem como objetivo somente a

divulgação de informação, mas “interfere” também na formação de opinião dos leitores, uma vez que a produção visa uma circulação imparcial e que detém um ponto de vista, por isso, cabe uma interessante pergunta a ser respondida nesta pesquisa: qual é o tipo de opinião que o *Notícias Já* favorece na formação dos seus leitores?

Como último objetivo e considerando que é uma pesquisa na área de Linguística Aplicada, compete a mim propor atividades com esse veículo de massa para complementar os atuais modelos de Livro Didático, no entanto, tais atividades almejam serem feitas em contraposição com o jornal *Correio popular*, o qual é dos mesmos donos que o *Notícias Já*, porém voltado para a população de elite da mesma região. É pertinente ressaltar aqui que os motivos dão-se pelo desafio de trabalhar com os diferentes tipos de leituras propostos por Rojo (2009) e pelos ideais de Kleiman (2005) que propõe a imersão do aprendiz no mundo da leitura e da escrita para se trabalhar em direção ao letramento, ou seja, a autora sugere que se adote práticas diárias de leituras de jornais, livros, revistas, etc. Dessa maneira, torna-se desafiante o trabalho de leitura de jornal com alunos, uma vez que esse não é um veículo interessante de leitura e os estudantes sempre tendem a obedecer a lei do menor esforço, logo procuram outro passatempo, perdendo, assim, o interesse pela leitura/escrita.

MÉTODOS

Inicialmente, a metodologia ficará na leitura e na feitura de resenhas das teorias relevantes para o objeto de estudo e no aprofundamento das que foram lidas para a elaboração deste projeto. Em seguida, serão feitas entrevistas qualitativas que possam auxiliar a responder algumas das questões citadas nos objetivos. Para isso, o pesquisador pretende ir aos terminais urbanos e pontos de ônibus, onde há presença dos vendedores dos exemplares e o público-alvo para entrevistá-los. Pretende também, se possível, entrevistar a produção do *Notícias Já* para tentar compreender as estratégias utilizadas na criação dos exemplares e confirmar os motivos pelos quais ele é tão difundido na região de Campinas.

Trabalhando diretamente com os exemplares, será coletada uma amostragem considerável do veículo (compra dos dois jornais num período de 10 a 15 dias) e, acima dela, se fará um levantamento quantitativo do que há no jornal, como, por exemplo, a porcentagem de imagens, dos gêneros (notícia, publicidade, etc.), e, em seguida, focarei nos temas recorrentes e em alguns gêneros recorrentes também, no entanto, o enfoque são as notícias (motivos já explicitados acima).

Por fim, o veículo impresso será relacionado com o ambiente escolar. A faixa etária, porém, ainda não definida, pois, acredita-se que é necessário primeiro um melhor entendimento desse jornal em específico para saber a qual público ele, em junção com o trabalho didático, adequa-se melhor. No entanto, a priori, o público é os alunos do EJA, uma vez que estes parecem estar mais próximos do *Notícias Já*, já que este se destina (aparentemente) a adultos de classes marginais, e não tanto adolescentes. Para isso, serão feitas entrevistas com estudantes de EJA de diversos níveis escolares para tentar estabelecer o público para o material. Em coleta de exemplares do *Correio Popular*, serão feitos exercícios de contraposição entre as diferentes visões que esses jornais apresentam de acordo com o público-alvo à que cada um deles se destina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTES, A. C. (2001). "Linguística textual". In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora.
- BAKHTIN, M. (1953/1979). "Os gêneros do discurso". *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KLEIMAN, A. (2005). *Preciso "ensinar" letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: CEFIEL.
- RAILTON-SANTOS, R. (2008). *Letramento, alfabetismo e albetização*. Trabalho de conclusão de semestre – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- ROJO, R. (2005). "Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas". In: MEURER, J. L., BONIN, A., MOTTA-ROTH, D. (orgs) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ROJO, R. (2009). "Letramento(s) – práticas de letramento em diferentes contextos". *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial.
- SANDING, B. (2009). "O texto como conceito prototípico". In: WIESER, H. R. & KOCH, I. G. V. (orgs) *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SOARES, M. (1998). "O que é letramento?", "O que é letramento e alfabetização", "Letramento: como definir, como avaliar, como medir". *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica.